



POR LUIZ BERSOU,
 BCA - WCS CONSULTORIA
 ✉: LUIZBERSOU@BCACONSULTORIA.COM.BR

MODERNIDADE E COMPETITIVIDADE

Os indicadores não estão mostrando melhoras na competitividade do Brasil. Além disso, continuamos em trajetória descendente no ranking mundial. Diante desse fato, para nossa reflexão, cabem aqui alguns questionamentos: as empresas podem ser competitivas em uma nação não competitiva? A resposta exata depende da análise de diversos fatores.

Temos analisado nossas tendências e causas no intuito de aumentar nossa competitividade, mas não analisamos suficientemente as tendências e razões em busca da modernidade. Desse exercício nos fica claro que cabe ao empresário ser competitivo; é sua missão na busca da perpetuidade do seu negócio. Cabe ao Estado, contudo, ser moderno, pois, para uma nação, a modernidade é também seu fator de perpetuidade – isso porque os avanços, a evolução em todos os sentidos, abrem caminho para a competitividade.

Já iniciamos nossos trabalhos no Portal Competitividade, apresentado aqui, nesta coluna, em edições anteriores, passando por temas relacionados à busca da competitividade. Logo ficou claro que modernidade e competitividade são duas faces de uma mesma moeda. Para ir um pouco mais fundo no entendimento dessa relação intrínseca, é necessário pensar sobre alguns conceitos.

O que é ser moderno?

Tentando responder a essa pergunta, lembremos em primeiro lugar da histórica frase que o economista e político Roberto Campos nos deixou: “O Brasil é um país onde a empresa privada é controlada pelo Estado; portanto, dominada pelo Estado, e a empresa pública não é controlada por ninguém.” Como é grande essa verdade! Basta ver o que recentemente veio a público sobre a Petrobrás.

Essa visão de Campos nos leva à seguintes questões: será que empresas privadas controladas pelo Estado podem ser competitivas? Pode uma sociedade controlada pelo Estado ser protagonista? Se sim, poderá ser competitiva? Parece-nos que não. Por

isso, entendemos residir nesses fatos a causa raiz de não sermos protagonistas e competitivos, uma vez que temos controles de Estado a bloquear iniciativas, a jogar custos desnecessários, além de controles do passado em nossas cadeias produtivas e de fornecimento.

À demanda por competitividade das empresas, o Estado responde com burocracia lenta, velocidade de calendário gregoriano, em um mundo onde a questão da velocidade de mudança e da inovação são as grandes características dos tempos modernos.

Modernidade → simplicidade → velocidade → liberdade → inovação

Ao longo dos anos, os regimes de trabalho na sociedade evoluíram da monotonia dos regimes repetitivos e simples para os complexos. Agora, de forma muito rápida, estamos evoluindo para sucessivos exemplos de disrupção que nada mais são do que exemplos da onda dos regimes supercomplexos que está vindo e que marcará importantes alterações em nossa cultura e modo de vida.

Nesse ambiente, tudo o que antes era importante deixa de existir. Secedem-se os exemplos, cuja grande característica e fato maior reside na simplicidade e na velocidade das novas soluções oferecidas aos mercados. Simplicidade e velocidade são justamente o que a sociedade sempre quer, pois desde o passado existiu, por exemplo, o desejo de se passar das carruagens para os trens e, mais tarde, de viajar pelo Concorde!

Lembro que a presidente de uma empresa canadense veio ao Brasil para discutir com o governo regras e exigências para a entrada da sua empresa em nosso mercado. Recebida com frieza por razões de ideologia, recebeu uma lista de exigências e controles de mais de 300 itens. Pegou o primeiro avião e foi embora; não voltou mais: o caso de uma empresa, como tantas outras, que deixa de contribuir para aumentar nosso PIB e nossa competitividade.

Papéis modernos

Tendo colaborado para o lançamento do papel para produção de cheques no Brasil, pude acompanhar a evolução desse produto e a inovação pela escrita magnética. Por outro lado, também acompanhei a forma complicada e custosa de seu uso pelos bancos e seus clientes.

Mais tarde vi a chegada ao mercado dos concorrentes do papel moeda: os cartões de crédito e débito. Atualmente, um simples Smartphone é o novo recurso de pagamento a entrar no mercado. Estamos praticamente em um tempo em que quase nem precisamos ir ao banco (pois realizamos diversas operações pela internet) nem temos de solicitar quase nenhum talão de cheque, que exige o pagamento de uma alta tarifa.

Essas evoluções no segmento de papel, cartões e tecnologia da informação, que representam respostas às demandas sociais por simplicidade, segurança e rapidez, serão cada vez mais presentes em tantos outros setores da economia. Basta aguardar para ver o que o futuro ainda nos apresentará nesse sentido!

Mais avanços e outros retrocessos

O Uber é outro exemplo que podemos chamar de disrupção e quebra de paradigmas de uma ordem da realidade de um setor organizado. O sistema ocupa cada vez mais o mercado de serviços de transporte, simplificando tudo e conquistando cada vez mais clientes, que se declaram, eles próprios, fidelizados à nova opção de serviços. Tudo é simples e rápido.

Por outro lado, nesse mesmo momento, temos atividades no Brasil em que o governo, por meio de suas agências regulatórias e de controle, leva quatro anos para permitir o lançamento de um produto. Uma nova empresa precisa de quase um ano para ter registros que lhe permitam trabalhar – e isso está ocorrendo no presente momento, em que o País caminha para chegar a 12 milhões de desempregados.

Parece que o Estado não tem pressa, mas acontece que a sociedade tem. Os desempregados clamam por mais velocidade, enquanto o Estado prossegue com seus controles que atrasam a vida das pessoas e a evolução dos negócios. Temos aqui o Estado leviatã, que desconhece a realidade e o momento da sociedade brasileira. Além disso, por sua excessiva lentidão, prejudica a sua caminhada da empresa privada (que precisa ser muito rápida), sem ter a menor percepção do que está acontecendo.

A partir desses exemplos, podemos dizer que Estado moderno tem como característica a capacidade de proporcionar à sociedade simplicidade, velocidade, liberdade e abertura para a inovação. Precisa dizer mais?

Relações estatais e empresariais: caminhos da mudança

Tendo viajado por tantos países, percebi que em todos existe o respeito do Estado pelo empresariado e pela condição competitiva – não somente da empresa, mas sobretudo da cadeia competitiva em que está instalada. Neste momento percebemos a existência de fundamentos de modernidade, ao passo que no Brasil ainda se perde tempo discutindo perseguidores e perseguidos como prática do discurso ideológico de sustentação da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), tão obsoleta e que destrói a vida de tantas empresas.

Observamos que a simplicidade das regras e controles, a visão de respeito à competitividade na cadeia de produção e de fornecimento, a logística e a infraestrutura de alto desempenho são características de países modernos, que cobram do cidadão altos impostos, devolvidos na forma de avançada infraestrutura, serviços e simplicidade. Trata-se de países que aplicam impostos nas cadeias produtivas sem prejudicar a condição competitiva das empresas, da cadeia e do País, obtendo resultados nas relações e nos negócios internacionais.

No Brasil temos casos isolados de municípios no Estado de São Paulo (como Mogi das Cruzes), que tive a oportunidade de conhecer, e na região Sul que vêm buscando a modernidade da gestão. São muitos anos de trabalho e resultados de valor, mas, acima de tudo, exemplos de quebra de paradigma em termos de gestão pública e relação de governo com a sociedade.

As mudanças são possíveis, como estamos vendo em Mogi das Cruzes, pois uma importante parcela de agentes de governo já entende que o tipo de Estado a que servem não pode continuar como está. É preciso, então, que passemos de casos isolados para uma transformação em grande escala na gestão pública no País diante das demandas empresariais.

Gerar massa crítica na busca por mudanças dependerá da quebra do fator de isolamento a partir do momento em que representantes da humanidade passem a compartilhar suas histórias. Vale notar: a humanidade é uma entidade que tem na própria história a coluna vertebral que sustentou – e ainda sustenta – seus caminhos, sua evolução e sua modernização.

Essa sempre foi a característica maior das civilizações, mostrando como a sociedade evolui pela sua história e como ela mesma é fator de estabilidade e segurança nas transições. Os saltos de evolução ou involução foram decorrentes da capacidade de representantes da sociedade terem histórias que souberam comunicar. ■

Portal Competitividade no tema Modernidade

O Portal Modernidade + Competitividade que lançamos recentemente tem entre seus grandes papéis justamente contar histórias, pois compartilhar experiências nos permite refletir sobre nossas próprias vivências e, a partir desse exercício, visualizar soluções criativas ou ter o estímulo necessário para mudar atitudes. Portanto, se você tem história para contar, acesse www.portalcompetitividade.com e participe de nossos trabalhos!